



INTER  
FACES  
CIENTÍFICAS

DIREITO

ISSN IMPRESSO 2316-3321

E - ISSN 2316-381X

DOI - 10.17564/2316-381X.2016v5n1p39-48

---

## A “NOVA” ELITE CHOLA DA BOLÍVIA THE “NEW” ELITE CHOLA FROM BOLIVIA LA “NUEVA” ELITE CHOLA DE BOLIVIA

---

Fran Espinoza<sup>1</sup>

### RESUMO

Com a revolução de 1952, originou-se uma nova elite setorial que permaneceu invisível por mais 60 anos. Porém, com o desaparecimento (em parte) dos velhos modelos de estratificação social, essa “nova” elite iniciou seu processo de consolidação econômica, social e cultural. Sua fortaleza recai na capacidade de incursionar em diferentes âmbitos comerciais a relação que mantém com a nova elite política e o poder simbólico. A elite está composta majoritariamente por

comerciantes aymaras e quechuas, e por suas redes familiares e sociais. Entende-se que o núcleo consolidado é o que se encontra na cúpula piramidal.

### PALAVRAS-CHAVE

Bolívia. Elite. Chola. Evo Morales. Aymaras. Quechuas.

## ABSTRACT

With the revolution of 1952 led to a new industry elite that remained invisible for over 60 years. But with the disappearance (in part) of the old models of social stratification, this “new” elite began its economic, social and cultural consolidation. Its strength lies in the ability to penetrate in different business areas the relationship it has with the new political elite and the symbolic power. The elite is mostly comprised of Aymara and Quechua merchants, and

their family and social networks. It is understood that the consolidated core is what is found in the pyramidal dome.

## KEYWORDS

Bolivia. Elite. Chola. Evo Morales. Aymara. Quechua.

## RESUMEN

Con la revolución de 1952, se originó una nueva élite sectorial, permaneció invisible por más 60 años; sin embargo, con la desaparición (en parte) de los viejos modelos de estratificación social está “nueva” élite inició su proceso de consolidación económica, social y cultural. Su fortaleza radica en la capacidad de incursionar en diferentes ámbitos comerciales, la relación que mantiene con la nueva élite política y el poder simbólico. La élite está conformada mayoritariamente

por comerciantes aymaras y quechuas, y por sus redes familiares y sociales. Se entiende que el núcleo consolidado es el que se encuentra en la cúpula piramidal.

## PALABRAS CLAVE

Bolivia. Élite. Chola. Evo Morales. Aymaras. Quechuas.

## 1 INTRODUÇÃO

O documento é estruturado da seguinte maneira: na primeira parte são apresentadas algumas noções do termo elite e das teorias de elites setoriais. Na segunda parte, se introduz a categoria analítica *elite setorial chola*, com o objetivo de rastrear sua origem e estabelecer algumas de suas características mais representativas. Na terceira parte, são analisados os diferentes tipos de relações que ocorrem entre a elite chola e a nova elite política. Na quarta parte, estuda-se sob uma perspectiva simbólica a festividade do *Señor de El Gran Poder*. E, por último, são apresentadas algumas conclusões preliminares.

## 2 DEFINIÇÃO DE ELITE

De acordo com Mills (1957), as minorias que ocupam os postos de comando podem considerar-se como as possuidoras do poder, riqueza e fama. Essa minoria está formada por indivíduos pertencentes ao estrato superior numa sociedade capitalista. Possui um sem-número de capacidades, que iriam desde a reprodução de visões simbólicas (religiosas) e culturais, o uso de meios de comunicação até o uso das forças armadas.

Nesse contexto, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2014), elaborou uma definição de elite, levando em consideração as características sociopolíticas da América Latina: a elite seria aquela minoria de atores sociais que conta com as maiores cotas de poder, que não apenas lhe permite diferenciar-se da população comum e exercer altas funções de comando, mas também faz com que tenha a obrigação de justificar de alguma forma suas ações.

O termo *elite* em sua expressão mais simples expressa que as elites econômicas controlam bens escassos e as elites políticas controlam o Estado. Os meios para alcançar esses recursos respondem a re-

gras formais e informais. As regras formais provêm do próprio Estado e condicionam, ao menos, aqueles que estão autorizados para tomar decisões obrigatórias para toda a sociedade e a extensão de suas decisões (esfera política), assim como as modalidades válidas para os direitos de propriedade (esfera econômica).

As regras informais surgem das relações sociais espontâneas e correspondem a uma cultura política nacional composta pelo sistema simbólico (ideologia) e a estrutura de redes sociais (ADLER LOMNITZ; PÉREZ; SALAZAR, 2007, 140-168). Porém, em todas as sociedades também existem as elites setoriais, elites que representam ao seu próprio setor, que refletem suas ideias e interesses e conseguem articular-se com os tipos de elites anteriormente apontados (WALDMANN, 2007, 9-30).

Nesse contexto, é exposto o seguinte marco teórico: i) Uma sociedade como campo de batalha pelos recursos, especialmente os posicionais (ligados a status social, rendimentos, prestígio ou poder). ii) Uma determinada concepção da estratificação social que contempla tanto a formação de unidades (classes, grupos e estratos), suas formas de mobilidade, assim como os processos seletivos “eletivos”. iii) Uma evidente conexão com aqueles modelos de sociedade chamados tradicionais (pré-modernos) e de primeira modernização, que ainda não conhecem o primado da diferenciação funcional.

Na formação dos estratos sociais “eleitos” (seletos), já não são considerados somente os indicadores de status típicos do passado, tais como rendimentos, o prestígio y o poder. i) Emergem outras dimensiones da vida social que desvelam outros critérios de seleção social na relação social *qua talis*; ii) Mudam os parâmetros de comparação entre esses indicadores de status eleito, suas interações e os efeitos emergentes de tais interações; iii) Mudam os processos de atribui-

ção e de incentivos para tais indicadores de status e, como isso, também mudam os parâmetros de acesso e de saída de estratos ou classes sociais (a mobilidade já não está ordenada hierarquicamente e segundo uma centralidade); iv) E na circulação de elites já não há lugar para as lógicas conectadas aos velhos modelos de estratificação social (HERRERA GÓMEZ, 2002, p. 174). Em outras palavras, as velhas elites continuam como realidade do poder, mas o poder e o acesso a este se transformam.

No caso boliviano, com a substituição de elites de 2006, foram modificados (em parte) alguns dos parâmetros, assim como a noção de estratificação social e de processos seletivos. Na atual conjuntura, a filiação à elite dificilmente será herdada de famílias tradicionais. Isso não significa o desaparecimento da velha elite econômica, mas no surgimento de novas elites setoriais. Outros contextos referenciais estão sendo constituídos e novas redes sociais estão sendo formadas.

Em nossa análise, temos introduzido o *Esquema AGIL*, desenvolvido por Donati (1991), estudado por Herrera Gómez (2002), e Terenzi (2008). São levados em conta os seguintes critérios: representação, classificação, nascimento e desenvolvimento potencial mediante dinâmicas interativas. Isso quer dizer que a (as) nova (s) nascem em cada uma das esferas que compõem a sociedade: econômica, política, social e cultural. Porém, é o resultado das interações entre as quatro esferas.

Em cada um desses âmbitos (AGIL) existem muitos tipos de elites: i) (A) No âmbito econômico: as elites empresariais, sindicais, financeiras, etc.; ii) (G) No âmbito político: as elites dos partidos políticos e dos movimentos políticos não organizados como partidos etc. iii) (L) No âmbito cultural: as elites religiosas, intelectuais, das artes, do espetáculo; iv) (I) Devido à complexidade social, no âmbito social, torna-se mais difícil individualizar os tipos de elites.

Em sociedades democráticas, as elites se caracterizam por uma crescente diferenciação (funcional ou suprafuncional), entre elites econômicas, políticas, culturais e sociais. Suas maneiras de relacionamento ou intercâmbios estão mais ou menos limitadas. Por exemplo: o intercâmbio mais forte se produz entre as elites econômicas e as elites políticas.

Posteriormente, se dá o intercâmbio entre elites culturais e elites políticas. Uma elite cultural pode chegar a ser política; menos frequente é que figuras da elite política assumam o *rol* de elite cultural. Existe pouco intercâmbio entre elites econômicas e sociais, também entre elites econômicas e elites culturais. Dito de outra maneira, ainda que as elites surjam em diferentes âmbitos, estas têm suas áreas de interesses e identidades observáveis na democracia moderna por meio de seus códigos de seleção simbólicos.

## 2.1 A ELITE *CHOLA*

O termo *cholo* ou *lo cholo* como identidade étnica não está isento de controvérsias. Isso se deve à conotação pejorativa que a palavra carrega. Ao não existir nenhuma definição de elite *chola*, a continuação se tenta realizar uma aproximação ao seu significado. Em diferentes ensaios Toranzo (1992; 2006), explora a origem e dinâmicas dos *cholos*. Para o autor existe uma *burguesia chola* que estaria composta por novos segmentos da economia, liberados ou criados pela Revolução Nacional de 1952, vinculada às atividades comerciais destinadas ao mercado interno, o transporte interprovincial e o contrabando.

Por outro lado, Pérez-Ruiz considera que *lo cholo* é uma das identidades emergentes. *Lo cholo* indicava somente a miscigenação entre indígenas do altiplano e o branco mestiço. Na atualidade, mostra uma identidade mais ampla. Não se limita apenas aos mestiços, mas também as imigrantes do altiplano (aymaras ou quechuas) que assumem uma identidade urbana diferente do habitante não indígena, o

que, por sua vez, reproduz núcleos específicos de organização social e econômica (PÉREZ-RUIZ, 2000).

De acordo com Tassi, Arbona, Ferrufino e Outro (2012, p. 95-105), os comerciantes aymaras têm se transformado, nas últimas décadas, num dos setores econômicos emergentes que estão tomando o lugar das elites tradicionais na Bolívia.

Pontua-se nesta pesquisa que não se trata do deslocamento de uma elite tradicional por uma elite setorial emergente, mas do surgimento de uma elite setorial na esfera econômica e de sua interação nas esferas: política, social e cultural (HERRERA; GÓMEZ, 2002, p. 169-190).

Neste estudo, se denominará elite *chola* a elite setorial originada com a revolução de 1952, a qual tinha permanecido invisível por mais de sessenta anos devido às antigas relações de poder entre elites tradicionais ou “elite branca” e Estado, composta majoritariamente por comerciantes *aymaras* e *quechuas* e por suas redes familiares e sociais, que incursionam nos diferentes âmbitos da economia informal. Entende-se que o núcleo consolidado de elite é o que se encontra na cúpula piramidal.

## 2.2 ORIGEM DA CHOLA

A origem da elite *chola* está vinculada às políticas desenvolvidas pelo Movimento Nacional Revolucionário (MNR), que gerou uma forte burguesia baseada na mineração, mas também à apropriação e manejo da economia informal por redes familiares de comerciantes, que inicialmente se estabeleceram em algumas cidades do oeste do país. Nesse contexto, seria necessário salientar que a elite setorial *chola*, desde suas origens tem estado vinculada ao setor informal<sup>1</sup> e ao contrabando.

1. A economia informal como conceito tem passado por diferentes definições. Na América Latina, nos anos sessenta, apareceu o termo marginalidade – referindo-se aos assentamentos e vivendas estabelecidos à margem dos centros urbanos, os quais não contavam com a infraestrutura dos assentamentos formais (eletricidade, ruas, água potável e sistemas de drenagem). Os trabalhadores eventuais característicos do setor são aqueles recrutados sem contrato formal, sem acesso a sindicatos nem segurida-

A recente visibilidade da elite *chola* pode ser atribuída a que fatores? Em primeiro lugar, à crescente apropriação dos espaços físicos em diferentes cidades e povos de redes sociais que se dedicam à comercialização de produtos importados: eletrodomésticos, têxteis, automotores, transporte, construção e até produtos alimentícios, que ingressam no país sem pagar impostos (contrabando). Em segundo lugar, à capacidade de exportação de produtos nacionais: ouro, prata e produtos alimentícios como arroz e farinha. Geralmente vinculados ao contrabando.

Uma das famílias mais reconhecidamente pertencente à elite *chola* é a família Fernández. Começou com Max Fernández, graças ao sucesso da Cervejaria Boliviana Nacional, logo incursionou na política com seu partido União Cívica Solidária (UCS) (SÁEZ; FREIDENBERG, 2001). Suas conquistas econômicas e políticas foram suficientes para serem aceitos nos círculos sociais de Santa Cruz de la Sierra.

## 2.3 ELITE CHOLANA ATUAL CONJUNTURA POLÍTICA

A atual conjuntura demonstra que existem contradições entre a elite *chola* e a nova elite política dirigida por Evo Morales. No entanto, ambas as elites se necessitam reciprocamente. O Estado se tem visto obrigado a recorrer aos serviços dos comerciantes informais e suas redes de distribuição e armazenamento. Uma semana antes das eleições presidenciais de 2009, quando havia sido aprovada a organização de um novo padrão biométrico, a Corte Nacional Eleitoral (CNE) estava desesperada diante da falta de geradores de eletricidade para recadastrar os eleitores nas áreas rurais.

A solução a um problema institucional foi apresentada por parte das poderosas redes de comerciantes aymaras, ligadas aos portos fronteiriços e à zona franca de Iquique: Foram essas redes cholas que de social, que são pagos segundo a lei livre da oferta e da demanda e que podem ser dispensados a qualquer momento sem nenhum tipo de compensação (LOMNITZ, 2003, p. 129-146).

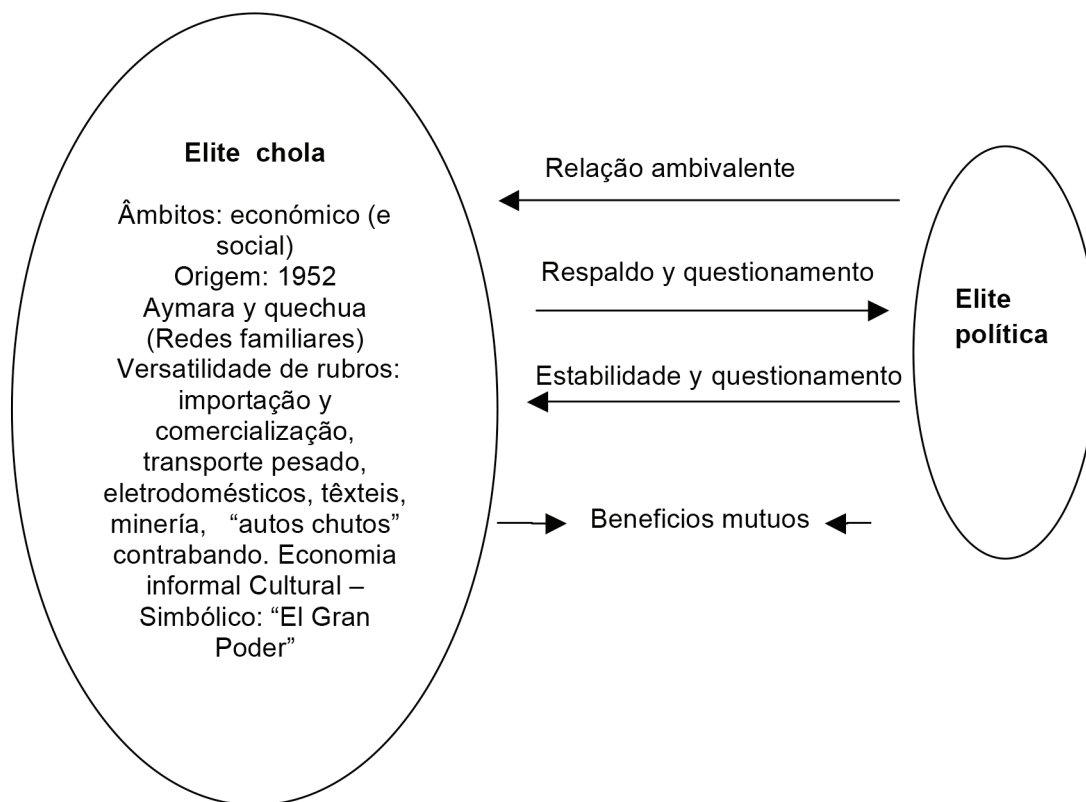
conseguiram prover ao Estado os anelados geradores (TASSI; ARBONA; FERRUFINO ET AL.,2012, p. 93-105).

comerciantes, as que, paradoxalmente, se evadem da institucionalidade estatal.

O governo, para realizar uma de suas funções mais básicas, o processo eleitoral, dependia das redes de

O seguinte gráfico mostra o relacionamento entre ambas as elites.

Gráfico 1 – Relação elite chola e elite política



Fonte: Autor da pesquisa.

Ambas as elites se necessitam reciprocamente pelas seguintes razões: i) A elite chola não permite que seus interesses setoriais sejam ameaçados pela elite política. Nos casos em que isso ocorra se posiciona frente ao Estado como um ator social reivindicativo; ii) A elite *chola*, com sua economia informal, tem se convertido em um dos motores que impulsionam o crescimento econômico que experimenta a Bolívia;

iii) A elite *chola* contribui para o financiamento das campanhas eleitorais da elite política.

#### 2.4 A ELITE SETORIAL *CHOLAE* OS “AUTOS CHUTOS”

Denomina-se popularmente como “autos chutos” aos automóveis que ingressam ao país de maneira ilegal (contrabando). Muitos desses automóveis são rou-

bados em países como Chile, Brasil, Argentina, Peru e Paraguai. No começo de junho de 2011, o Congresso boliviano aprovou uma polêmica lei que concedeu legalidade a uns 70.000 mil automóveis. “Os donos de mais de 70.000 automóveis que entraram na Bolívia tem se apresentado às autoridades aduaneiras até hoje para pedir legalização, em virtude de uma anistia promulgada pelo presidente Evo Morales.

Logo após a promulgação da lei, Evo Morales rejeitou as críticas da oposição política, de empresários dedicados à importância dos automóveis e dos meios de comunicação. Morales apoiou a legalização porque beneficiaria “ao povo pobre”, e utilizou argumentos como: “Todos temos direito de ter nosso próprio carro” (MORALES, 2011, [ON-LINE]).

Uma medida como esta reflete as ambivalências que existem no interior da elite política, porque: i) Se entenderia que há funcionários públicos envolvidos no negócio dos automóveis ilegais, mas, também, ii) Se poderia interpretar que no interior da elite política existe um grupo de funcionários interessados na redistribuição de lucros obtidos a partir dessa legalização.

### 2.5 A ELITE SETORIAL *CHOLAE O SEÑOR DE EL GRAN PODER*

A festa do *Gran Poder*, faz parte do poder econômico e da identidade simbólica da elite setorial *chola*. A festividade iniciou-se em 1921, quando a imagem percorria apenas alguns bairros de La Paz. Antes da emergência da nova elite política, era considerada uma festa marginal na qual só participavam os *cholos* e à qual só era permitido percorrer determinadas ruas e avenidas de La Paz.

Atualmente *El Gran Poder* é uma festa de caráter nacional devido à sua importância folclórica e ao movimento da economia informal que gera a festividade.

Antes, *El Gran Poder* era da Pérez (Av. Pérez Velasco) para acima com a ascensão dessa elite mestiça, faz tempo que ela é absorvida por toda a cidade e agora até o povo branco da zona sul participa. Esse é um âmbito

indubitavelmente ostentoso que já existia, o que acontece é que não tinham o espaço para estender-se, esse contexto (a ascensão da nova elite política) lhes permite esse avanço. (Entrevista com Oscar Vega Camacho<sup>2</sup>).

De acordo com Salman e Soruco Sologuren (2011), o *Gran Poder* tem se convertido numa festividade de ostentação, riqueza e sucesso. A hierarquização familiar da elite reproduz papéis de poder econômico e social dos distribuidores e das redes de comerciantes que vendem nas ruas. O *Gran Poder* atua como catalisador hierárquico e simbólico (LOMNITZ, 2007). Cada uma das famílias dança no lugar que lhe corresponde, de acordo com o estrato econômico-social ao que pertence.

## 3 CONCLUSÃO

As investigações sobre a ascensão e as novas relações entre as elites bolivianas expõe a necessidade de atualizar o *elitism*. A aparição de uma nova minoria que possui poder econômico produz uma ruptura entre as antigas percepções e os esquemas que tinham sido utilizados para a análise das “minorias seletas”.

O Esquema AGIL demonstra que a elite *chola* surgiu no âmbito econômico, permaneceu invisível por mais de sessenta anos devido às antigas relações de poder entre elites tradicionais, a “elite branca” e o Estado. Sua crescente importância social se deve à interação que mantém com a nova elite política, à apropriação de espaços públicos utilizados para a economia informal e à importância simbólica que representam suas festividades, como, por exemplo, *El Gran Poder* no âmbito cultural.

Portanto, as novas dimensões da vida social mostram outros critérios de seleção social. As velhas hierarquias continuam mantendo poder, mas alguns parâmetros de acesso e saída de estratos ou classes sociais têm se transformado.

---

2. La Paz, 12/07/2011.

Os trabalhos sobre novas minorias deverão considerar que tanto as velhas elites como as emergentes utilizam elementos discursivos e simbólicos que, estrategicamente, têm condicionado o imaginário coletivo em virtude de seus interesses setoriais.

## REFERÊNCIAS

- ARCHONDO, F. ¿Qué le espera a Bolivia con Evo Morales? **Nueva Sociedad**, n.202, 2006. p.1-12.
- ARELLANO, Yanguas J. **Industrias extractivas, descentralización y desarrollo local: economía política de políticas fiscales y distributivas en Perú y Bolivia**. *Paper* presentado en el I Congreso Internacional de Estudios del Desarrollo, Santander, 2012.
- ARGIRAKIS, H. El Comité Cívico Pro Santa Cruz como aparato ideológico de la élite cruceña. **Mojón 21**, n.1, Santa Cruz de la Sierra, marzo 2011. p.42-46.
- BOURDIEU, P. Estrategias de reproducción y modos de dominación. **Colección pedagógica universitaria**, n.37-38, enero-junio/julio-diciembre de 2002.
- CASTELLÓN, C. Un análisis en torno a algunos estudios sobre élite en Bolivia. **RAE, Historia, musef XXII**, 2008. p.239-246.
- CLAURE, A.P. **Diccionario del cholo ilustrado**. La Paz: Ojo Publicaciones, 1978.
- CUNHA FILHO, C.M. Evo Morales e a construção do novo bloco histórico: entre o nacional-popular e o indigenismo. **OIKOS**, v.10, n.2, Rio de Janeiro, 2011. p.150-173.
- DONATI, P. **Teoria relazionale della società**. Milan: Franco Angeli, 1991.
- ESPINOZA, F. Pueblos indígenas: Y después de la emergencia? **Working paper**, n.24, Louvain: Université Catholique de Louvain, septiembre 2011.
- GARCÍA, Lineras A. El evismo: lo nacional popular en acción. **Observatorio Social de América Latina**, año VI, n.19, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, CLACSO, Buenos Aires, julio 2006. p.25-32.
- GARCÍA, Linera A. **Las tensiones creativas de la revolución, la quinta fase del proceso de cambio**. La Paz: Vicepresidencia del Estado Plurinacional, 2011.
- GORDILLO, J.M. **Las élites de poder en Bolivia, Temas de debate**. La Paz: PIEB, 2008.
- HERRERA, Gómez M. Élités y ciudadanía societaria: una teoría relacional del pluralismo postmoderno. **Paper**, n.68, Universidad de Granada, 2002. p.169-190.
- HOFMEISTER, W. Las élites en América Latina: un comentario desde la perspectiva de la cooperación para el desarrollo. En: BIRLE, Peter; HOFMEISTER, Wilhelm; MAIHOLD, Günther; POTTHAST, Barbara (Ed.). **Élités en América Latina**. Madrid-Frankfurt: Iberomericana-Vervuert, 2007. p.125-141.
- LOMNITZ, Adler L. **Redes sociales, cultura y poder. Ensayos en antropología latinoamericana**. México: FLACSO, 1994.
- LOMNITZ, Adler L. **Globalización, economía informal y redes sociales, cultura en contacto: Encuentros y desencuentros**. Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, 2003. p.129-146.
- LOMNITZ, Adler; PÉREZ, L.; SALAZAR, L. Globalización y nuevas élites en México. En: BIRLE, Peter; HOFMEISTER, Wilhelm; MAIHOLD, Günther; POTTHAST, Barbara (Ed.) **Élités en América Latina**, Madrid-Frankfurt: Iberomericana-Vervuert, 2007. p.140-168.



- MILLS, C.W. **La élite del poder**. México-DF: Fondo de Cultura Económica, 1957.
- MILLS, C.W. **Poder, política, pueblo**. México-DF: Fondo de Cultura Económica, 1973.
- MORALES, Evo. **Todos tenemos derecho a tener un auto**. Disponible en: <[http://www.lostiempos.com/diario/actualidad/economia/20110609/evo-%E2%80%9Ctodos-tenemos-derecho-a-tener-un-auto%E2%80%9D\\_129175\\_260827.html](http://www.lostiempos.com/diario/actualidad/economia/20110609/evo-%E2%80%9Ctodos-tenemos-derecho-a-tener-un-auto%E2%80%9D_129175_260827.html)>. Acceso em 14 mar. 2013.
- MOSCA, G. **La clase política**. México-DF: Fondo de Cultura Económica, 1984.
- PARETO, V. **Forma y equilibrio sociales**. Madrid: Alianza, 1980.
- PARETO, V. **Escritos sociológicos**. Madrid: Alianza, 1987.
- PÉREZ-RUIZ, M.L. **Nacido indio, siempre indio. Discriminación y racismo en Bolivia**. DEAS-INAH, 2000. p.73-87.
- PETER, B.; WILHELM, H.; GÜNTHER, M.; BARBARA, P. (Ed.). **Élites en América Latina**. Madrid-Frankfurt: Iberoamericana-Vervuert, 2007.
- PITTARI, Romero S. Las Claudinas. **Serie Investigaciones Sociales, Sociología**, La Paz, 1998.
- PLAZA, C; NORMAN, R. **Arquitectura emergente en el Alto, El fenómeno estético como integración cultural**. Madrid-Frankfurt: Iberoamericana, 2010.
- PNUD. ¿El poder para qué y para quién? **Informe de Desarrollo Humano del Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo** (PNUD), Santiago, 2004.
- ROSSELLS, B. **Pepinos, Ch'utas y Cholas**: La nueva sociedad de la Paz, en Fiesta y Nación en América Latina. Marcos González Pérez (Coord.). Bogotá: Panamericana, 2011.
- SÁEZ, Alcántara M.; FREIDENBERG, F. Los partidos políticos em América Latina. **América Latina Hoy**, n.27, Universidad de Salamanca, 2001. p.17-35.
- SALMAN, T.; SOLOGUREN, Soroco X. Anti-Elites as New Elites: Complexities of Elite Performance in Baffled Bolivia. **Comparative Sociology**, n.10, 2011. p.614-635.
- SOLOGUREN, Soruco X. Teatro popular en Bolivia, la afirmación de la identidad chola a través de la metáfora de la hija pródiga. **Documento de trabajo**, n.143, 2002.
- SOLOGUREN, Soruco, X. La ininteligibilidad de lo cholo en Bolivia. **Tinkazos**, Revista boliviana de Ciencias Sociales, año 9, n.21, La Paz, diciembre 2006.
- TASSI, N.; ARBONA, J.M.; FERRUFINO, G. *et al.* El desborde económico popular en Bolivia. Comerciantes aymaras en el mundo global. **Nueva Sociedad**, n.241, septiembre-octubre 2012. p.95-105.
- TERENZI, P. Relación social y realismo crítico en la obra de Pierpaolo Donati. **RES**, n.10, 2008. p.39-52.
- TRIGO, Quiroga M.S. **Figuras, rostros mascararas**: Las identidades en Bolivia. Bolivia: Fundación UNIR, 2009.
- TORANZO, C. **Carlos Palenque y condepismo. Nuevos actores políticos**. La Paz: ILDIS, 1992.
- TORANZO, C. Lo pluri multi o el reino de la diversidad; Burguesía chola y señorialismo conflictuado. Burguesía chola y trigo limpio coaligados, Rostros de la democracia. Una mirada mestiza. La Paz: Plural-Fundación Friedrich Ebert; ILDIS, 2006.
- VARGAS, E. Las relaciones del Vivir Bien. En: ¿El MAS es de izquierda? **Revista Estudios & Ensayos**, Año IX, n.43, Cochabamba: Centro Cuarto Intermedio, 2011. p.59-68.

WALDMANN, P. Algunas observaciones y reflexiones críticas sobre el concepto de elite. En: BIRLE, Peter; HOFMEISTER, Wilhelm; MAIHOLD,

Günther; POTTHAST, Barbara (Ed.). **Elites en América Latina**. Madrid-Frankfurt: Iberomericana-Vervuert, 2007. p.9-30.

---

Data da submissão: 13 de julho de 2016  
Avaliado em: 29 de julho de 2016 (Avaliador A)  
Avaliado em: 12 de agosto de 2016 (Avaliador B)  
Aceito em: 13 de agosto de 2016

---

1. **Politólogo; PhD en Estudios Internacionales e Interculturales (mención internacional) Universidad de Deusto, País Vasco; Investigador postdoctoral Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, UFPR; Es Miembro del observatório de elites políticas e sociais do Brasil, UFPR; Es miembro de FLACSO-España.**